

REFLEXO DO MANEJO INCORRETO NO TRANSPORTE DE GADO PARA UMA ENTIDADE DO AGRONEGÓCIO

LIMA, Marcos Vinícius Nogueira de¹
SOUSA, Ivan Darley de Oliveira²

RESUMO

O manejo do gado, desde o embarque no caminhão, reflete diretamente no fluxo de caixa do pecuarista, pois a qualidade da carne pode sofrer alterações e o empresário perder parte do capital investido. Diante dessa realidade, o artigo demonstra o impacto financeiro para a entidade do agronegócio devido o manejo incorreto no transporte do gado. A longa jornada de transporte e a demasiada carga interferem na lucratividade da entidade. A pesquisa bibliográfica é abordada, visando fundamentar este artigo com análise de conteúdo comprovado, tanto cientificamente, quanto com documentos de música, tendo como bases sustentadas principalmente em: ARAÚJO, CREPALDI, CABRAL, LOURENÇO, LIMA, PORTO E GONÇALVES. O manejo incorreto, agitando muito o gado com gritos, aparelhos de choque ou ferrões acaba ferindo os animais ou causando estresse faz com que a qualidade da carne seja reduzida. Com viagens longas e demoradas o rebanho perde peso e o animal, pela exaustão da viagem, pode ficar cansado, deitar na carroceria e, conseqüentemente, ser pisoteado pelos demais. Todos esses fatores influenciam na análise patrimonial e econômica da entidade e podem ser geradores de grandes perdas para o patrimônio, o que resulta em um prejuízo para o produtor rural.

Palavras-chave: Agronegócio. Entidade Rural. Manejo. Pecuária.

ABSTRACT

The management of cattle, since boarding on the truck, directly interferes the cash flow of the rancher, because the quality of the meat may change and the entrepreneur loses part of the invested capital. Given this reality, this article demonstrates the financial impact for the agribusiness entity due to incorrect handling of cattle transportation. The long journey and overload interfere with the profitability of the entity. Bibliographical research is approached in this article, in order to substantiate it, with content analysis of scientifically supported bases and with music documents, being those bases supported mainly in: ARAÚJO, CREPALDI, CABRAL, LOURENÇO, LIMA, PORTO AND GONÇALVES. Improper handling, shaking livestock too much with shouts, shock devices or stingers end up hurting animals or causing stress which results in decrease of the meat quality. With long and exhaustive journeys the herd loses weight and the animal, through the exhaustion of the trip, can get tired, lie in the body and, consequently, be trampled by others. All these factors influence the entity's equity and economic analysis leading to large losses to equity, resulting in loss to the rural producer.

Key Words: Agribusiness. Rural entity. Management. Livestock.

¹ Graduado no Curso de Ciências Contábeis da Faculdade de Inhumas - FacMais. marcoslima@aluno.facmais.edu.br.

² Contador, especialista em Planejamento Tributário, Auditoria e Controladoria. ivandarley@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O agronegócio é um setor econômico responsável por grande parte da economia, tanto goiana quanto brasileira. Não diferente desse cenário, a pecuária é uma atividade que está em constante ascensão, necessitando cada vez mais de conhecimento e desenvolvimento de técnicas que auxiliem os profissionais na manutenção e evolução da sua operação. Entretanto vale salientar que tais técnicas, quando mal aplicadas, podem gerar reflexos negativos, inclusive perda de recursos financeiros e desvalorização patrimonial para a entidade.

Diante disso, este artigo objetiva demonstrar o impacto financeiro que um manejo incorreto, desde a propriedade rural e também a maneira de transportar a boiada para cria, recria ou engorda ou até mesmo para abate, pode trazer à entidade do agronegócio.

Para isso será demonstrada a evolução da atividade pecuária ao passar do tempo, pois através desta volta ao passado será possível observar as mudanças e o efeito entre o “ontem” e o “agora”. Ao estudar o impacto que o manejo incorreto pode acarretar à entidade do agronegócio se expõe dados onde o preço do ativo biológico é reduzido prejudicando, conseqüentemente, o produto final, a carne para consumo. Deste modo será possibilitado ao leitor apontar os riscos que o mau manejo pode trazer à boiada transportada e ao patrimônio do investidor.

Justifica-se este artigo pela motivação em contribuir com os estudos sobre a contabilidade de entidades do agronegócio, mais precisamente na pecuária, no que diz respeito ao transporte, pois o manejo incorreto pode ser o precursor de grandes complicações, como: animais agressivos, de difícil manejo, estressados, podendo machucar uns aos outros e colocando até mesmo a vida do boiadeiro em risco.

Esse artigo justifica-se, ainda, pelo quesito pessoal e social, por se tratar de um tema de grande interesse de estudo e desenvolvimento do autor, pelo cenário social que o mesmo está inserido e para qual contribuirá com o desenvolvimento dessa pesquisa.

O estudo desenvolvido vai ao encontro de responder a seguinte questão-problema: “Quais reflexos um manejo incorreto, voltado à pecuária bovina, pode acarretar a uma entidade do agronegócio?”

Para desenvolvimento deste artigo foi utilizado, como metodologia científica, a pesquisa bibliográfica que será empregada a fim de dar suporte ao artigo. Para o

presente artigo será utilizado o método de pesquisa bibliográfica para embasamento teórico, com o estudo e análise documental para formulação do presente texto.

O interesse em dedicar tempo para falar a respeito deste tema, contabilidade de um transporte de boiada, veio através de músicas sertanejas raiz, onde são narrados alguns transportes voltados à atividade pecuária, através das estradas boiadeiras, de terra, montados em burros, mulas e até mesmo a cavalo, que por diversas vezes foram ouvidas por muitos, porém são escassos os estudos sobre o respectivo tema.

Embora as canções, diversas vezes, sejam embasadas no cotidiano dos peões trazendo acontecimentos reais, envolvendo muita sabedoria popular, há necessidade de submeter esta ocasião ao conhecimento científico. Para melhor demonstrar os dados científicos, as ciências contábeis dão apoio com seu controle de fluxo de caixa, de estoque, além das demonstrações de resultado para assim o empreendedor ter informações úteis para a tomada de decisões.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A CONTABILIDADE:

A contabilidade é a ciência social que possui, como finalidade, subsidiar o gestor no processo de tomada de decisões e, como objetivo, controlar o patrimônio da entidade e suas variações. Padoveze (2018, p. 3), define que:

O objetivo da contabilidade é o controle de um patrimônio. O controle é feito através de coleta, armazenamento e processamento das informações oriundas dos fatos que alteram essa massa patrimonial.

Deste modo o autor supra define a contabilidade como “o sistema de informação que controla o patrimônio de uma entidade” (PADOVEZE, 2018, p.3).

Sabendo disso, independente do setor da entidade, seja ela física ou jurídica, a contabilidade é responsável por estudar e registrar todas as mutações existentes no patrimônio, que podem se resumir em demonstrativos de análise de resultado do exercício, relatórios, e através destes, é possível verificar os resultados possibilitando a tomada de decisões e saber, por exemplo, qual o melhor momento para investir.

Estes investimentos nas empresas rurais, conhecidas também como entidades do agronegócio, podem ser na compra de animais de melhor qualidade, ração melhorada para beneficiar o animal, maquinários com tecnologias mais

avançadas, veículos para mobilidade dos animais e pessoal qualificado, enfatizando o bem-estar animal para maior rentabilidade na operação da entidade.

Quando se expõe a perda de independência das empresas rurais, ressalta-se a participação da contabilidade, que atualmente é essencial para auxiliar as empresas que atuam na atividade do agronegócio, pois a ciência que estuda e controla o patrimônio é a principal condutora de informações para a manutenção da atividade e seu constante crescimento.

Por este motivo é que se deve manter total controle das atividades da organização, as entradas e saídas de recursos financeiros e econômicos.

A apuração dos resultados, assim como a correta análise, são fundamentais para auxiliar o gestor no processo de tomada de decisão para êxito de empresas de qualquer ramo de negócios, inclusive as empresas rurais, que são o foco deste artigo.

2.2 O AGRONEGÓCIO:

O agronegócio é também chamado de *agribusiness* é definido como o “conjunto de negócios relacionados à agricultura dentro do ponto de vista econômico”, (LOURENÇO; LIMA, 2009). uma vez que segundo o MAPA - Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento³, em 2017, o agronegócio foi responsável por 21,6% do PIB brasileiro e por um a cada três empregos registrados.

Considerando a grande representatividade do agronegócio na economia nacional, esse setor econômico é melhor compreendido em três divisões.

A primeira é o agronegócio agropecuário “dentro da porteira”, ou seja, o empreendimento interno da entidade rural, pois para Lourenço e Lima (2009) esses negócios “representam os produtores rurais, sejam eles pequenos, médios ou grandes produtores, constituídos na forma de pessoas físicas (fazendeiros ou camponeses) ou de pessoas jurídicas (empresas).”

A segunda parte se refere aos “negócios à montante (ou “da pré-porteira”) que são caracterizados pelas “indústrias e comércios que fornecem insumos para a produção rural. Por exemplo, os fabricantes de fertilizantes, defensivos químicos, equipamentos etc.” (LOURENÇO; LIMA, 2009), ou seja, a atividade rural não é independente, dentro da própria fazenda, depende de insumos vindos de fora.

³ Dados originados da publicação eletrônica “Agropecuária Brasileira em Números”, do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Disponível em www.agricultura.gov.br/assuntos/politica-agricola/agropecuaria-brasileira-em-numeros. Acesso em 18 de outubro de 2019.

Justificando o que foi citado anteriormente, Marion (2014, p.2) diz que “empresas rurais são aquelas que exploram a capacidade produtiva do solo por meio do cultivo da terra, da criação de animais e da transformação de determinados produtos agrícolas”, contudo as empresas rurais já não são mais independentes com suficiência própria, necessitam de bens, serviços e diversos tipos de infraestrutura.

Sabendo disso, em complemento, pode-se utilizar Araújo (2010, p. 15), ao dizer que “o conceito de setor primário ou de "agricultura" perdeu o sentido, porque deixou de ser somente rural, ou somente agrícola, ou somente primário”, pois

a "agricultura" de antes, ou setor primário, passa a depender de muitos serviços, máquinas e insumos que vem de fora. Depende também do que ocorre depois da produção, como armazéns, infraestruturas diversas (estradas, portos e outras), agroindústrias, mercados atacadista e varejista, exportação.

Sendo assim, tudo está conectado em um grande sistema de pessoas e organizações onde cada um, mesmo que seja através de funções próprias, constroem um elo mais qualificado para todo o processo produtivo, havendo necessidade de insumos e maquinários que vêm de fora da porteira para auxiliar na formação dos produtos a serem comercializados posteriormente, dependendo de outros fatores depois da porteira, o que entra na terceira parte.

Na terceira parte da divisão *agribusiness* Lourenço e Lima (2009) dizem que:

Estão os negócios à jusante dos negócios agropecuários, ou de "pós-porteira", onde estão a compra, transporte, beneficiamento e venda dos produtos agropecuários, até chegar ao consumidor final. Enquadram-se nesta definição os frigoríficos, as indústrias têxteis e calçadistas, empacotadores, supermercados e distribuidores de alimentos.

O pós-porteira é peça fundamental para o bom êxito da organização, mas para isso deve ter uma boa gestão, bons clientes e excelente qualidade de seus produtos, pois envolve também os mercados, açougues, fábricas de acessórios para vestuários, dentre outras partes de fora da porteira, havendo assim o giro do capital e da moeda no país. Como dito anteriormente, todos dependem do agronegócio para viver.

Borges apud Lourenço e Lima (2009) cita o agronegócio brasileiro como:

Uma atividade próspera, segura e rentável. Com um clima diversificado, chuvas regulares, energia solar abundante e quase 13% de toda a água doce disponível no planeta, o Brasil tem 388 milhões de hectares de terras agricultáveis férteis e de alta produtividade [...]

Deste modo, de acordo com a citação supra, se o produtor souber como investir na exploração e uso da capacidade produtiva do solo, terá notável rentabilidade sobre o investimento aplicado à terra. Com o clima propício bem diversificado ao longo de toda a extensão territorial do país, pode-se produzir diversos tipos e qualidades de hortifrútis para comercialização, incluindo a exportação partindo das empresas rurais.

Lourenço e Lima (2009) dizem que “agronegócio é hoje a principal locomotiva da economia brasileira e responde por um em cada três reais gerados no país.”

A relevância do agronegócio nacional do Produto Interno Bruto (PIB) fica cada vez mais evidente. Em 2017, além das atividades do setor primário dentro da porteira, contando também com as atividades do secundário, que são as indústrias transformando a matéria-prima em novos produtos e também a distribuição, o agronegócio foi responsável por 21,6% do PIB brasileiro no respectivo ano, de acordo com o MAPA, havendo o crescimento das atividades primárias de 12,5% em 2017 no mesmo ano.

Ainda de acordo com o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, no ano de 2018, o faturamento bruto sobre a produção agrícola foi superior a R\$ 570 bilhões, sendo o estado do Mato Grosso responsável pelo maior faturamento do setor, superior a R\$82 bilhões.

O estado de Goiás, por sua vez, ficou em 6º colocado no ranking de faturamento do agronegócio, com uma receita superior a R\$45 bilhões.

O agronegócio possui origem desde os primórdios da humanidade, pois “com o passar dos tempos, as pessoas descobriram que as sementes das plantas, devidamente lançadas ao solo, podiam germinar, crescer e frutificar e que animais podiam ser domesticados e criados em cativeiro.” (ARAÚJO, 2010, p. 13).

Numa visão mais técnica, é possível relacionar o objeto do agronegócio como ativos biológicos. De acordo com o CPC 29, define-se ativo biológico como “um animal e/ou uma planta, vivos, ou seja, todo animal ou planta, enquanto possuírem vida, são ativos biológicos e objetos do agronegócio.

Para melhor compreensão do *agrobusiness*, serão definidas as três principais ramificações econômicas: Agroindústria, Agricultura e Pecuária, sendo a última ponto focal do presente artigo.

2.2.1 Atividade Agroindustrial:

A agroindústria faz parte do “pós-porteira”. É a produção de novos produtos partindo da matéria-prima da empresa rural que podem voltar para a entidade em forma de insumos ou melhoramentos para aprimorar seus investimentos com os ativos biológicos.

Segundo a Escola Estadual de Educação Profissional do Ceará EEEP-CE (p.13; S.D):

A agroindústria é a unidade produtora integrante dos segmentos localizados nos níveis de suprimento à produção, transformação e acondicionamento, e que processa o produto agrícola, em primeira ou segunda transformação, para sua utilização intermediária ou final.

Melhor dizendo, a agroindústria fica responsável pelo processo de transformação do agronegócio. Nesse setor, o produto inicial passa por processamento com a finalidade de gerar um insumo final para consumo.

Esse setor possui grande representatividade econômica no agronegócio brasileiro e, de forma geral, para a economia nacional.

A Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), define que:

A agroindústria tem participação de aproximadamente 5,9% no Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro, no beneficiamento, na transformação dos produtos e no processamento de matérias-primas provenientes da agropecuária, promovendo dessa forma maior integração do meio rural com a economia de mercado.

Além da representatividade econômica, essa ramificação do agronegócio possui sua relevância social. Sem a fase de processamento o consumidor estaria sujeito a utilizar-se de produtos primários gerados pela atividade pecuária ou pela atividade agrícola.

2.2.2 Atividade Agrícola

A atividade agrícola não se resume apenas em plantações, pois possibilita “mudar a fase do meio rural”, tendo em vista que como dito anteriormente, o setor primário não é mais independente. Sabendo disso, o setor agrícola “incentiva o crescimento das atividades industriais concentradas nas cidades” (FEIJÓ, 2011, p. 57).

Visando este auxílio para as indústrias, a atividade agrícola, cresce também, pois:

a demanda de alimentos cresce simplesmente pelo motivo de que a população tende a crescer sempre que as condições forem suficientes para garantir um nível de remuneração dos trabalhadores acima do salário de subsistência (FEIJÓ, 2011, p. 59).

Diante disso, a produção agrícola vem se desenvolvendo, pois com a demanda de alimentos há a necessidade de investir em meios de poupar recursos financeiros de modo que se produz mais com menos capital investido.

O CPC 29 define que a “Atividade agrícola é o gerenciamento da transformação biológica e da colheita de ativos biológicos para venda ou para conversão em produtos agrícolas ou em ativos biológicos adicionais, pela entidade.”

Do mesmo modo que a atividade agrícola busca ser eficiente, produzindo mais com menos e investindo em ativos biológicos mais resistentes a pragas, com desenvolvimento mais rápido, a pecuária também anda nesta linha, pois depende da atividade agrícola para lhe proporcionar insumos necessários para o desenvolvimento dos animais para cria, recria, engorda e abate, dependendo do objetivo da entidade do agronegócio.

2.2.3 Pecuária:

Conforme já citado, o Brasil tem um clima propício para diferentes culturas ao longo de seu território. Com a atividade pecuária não é diferente, pois com a disponibilidade de terrenos e climas diversificados para criação, diversos produtores investem na melhoria de seus ativos biológicos, trabalhando em pesquisa para melhoramento genético, tanto das plantas para a produção de insumos até os animais para serem comercializados.

Por isso é natural o crescimento do agronegócio nacional, gerando assim a necessidade de melhores condições de manejo e transporte para uma melhor qualidade do produto a ser comercializado, neste caso se referindo à carne para consumo.

Quando se falar no manejo como técnica, é necessário levar em consideração que um bom manejo em todas as etapas de estocagem dos ativos biológicos, desde o nascimento, passando pela cria, recria, engorda até a fase de abate, é fundamental

para o bem-estar animal, interferindo diretamente na qualidade do produto final, a carne.

Atualmente empresários do agronegócio têm investido cada vez mais em técnicas de manejo que proporcionem conforto ao rebanho para produzir com qualidade na atividade pecuária. Um exemplo disso é a Fazenda Conforto, em Nova Crixás-GO, classificada, pelo IBGE em 2019⁴, como o maior confinamento do Brasil. Essa entidade possui uma receita aproximada de R\$ 150 milhões de reais, com um rebanho superior a 30 mil unidades distribuídas em 12.042 hectares, sendo 1.083 hectares de área irrigada. Todo esse rebanho está distribuído nos períodos da atividade pecuária: Cria, Recria, Engorda e Abate.

Para fundamentação e fixação do conhecimento, de acordo com Crepaldi (2009, p. 216), o período caracterizado pela CRIA é aquele que possui tempo igual ou inferior a 12 meses, onde o bezerro está em fase de desmamar e após isso pode ser comercializado. A RECRIA é o período de 13 a 23 meses onde o bezerro é comprado para a produção e venda para a engorda.

O processo de ENGORDA leva de 24 a 36 meses, é a compra da novilha magra para engorda para venda ou abate. O período de “3 anos” do boi gordo é o ideal para o abate, a partir disso o empreendedor começa a “perder dinheiro”, pois o investimento no animal pode não dar o retorno esperado, podendo sofrer um déficit de um animal ou boiada inteira.

Num passado, não muito distante, haviam inúmeros transportes de boiada através das estradas de chão, com os animais a pé, muito representado em canções sertanejas raiz, onde se descrevem os riscos que corriam os peões e boiadeiros, assim como envolvendo a própria boiada transportada e os animais de montaria.

Prova disso é o seguinte trecho da canção Boi Soberano, composta por Izaltino G. de Paula; Pedro L. de Oliveira, interpretado por Tião Carreiro e Pardinho no disco Boi soberano gravado pela Chantecler em 1966: “Me alembro e tenho saudade do tempo que vai ficando, do tempo de boiadeiro que eu vivia viajando[...] mês e mês cortando estrada no meu cavalo ruano.” Evidenciando que este tipo de transporte era utilizado para transportar a boiada sempre, pois ainda não era de praxe os transportes de caminhão.

⁴ Portal Compre Rural. Estudo sobre a Fazenda Conforto. Disponível em www.comprerural.com/fazenda-conforto-e-o-maior-confinamento-do-brasil/. Acesso em 04 de novembro de 2019.

Tal operação pode ser evidenciada, ainda, nos seguintes trechos da canção Boiada Cuiabana, composta por Raul Torres, de 1938, gravada pela Chantecler, interpretada por Raul Torres e Serrinha: “Vou contar a minha vida do tempo que eu era moço. De uma viagem que fiz lá pro sertão de Mato Grosso. Fui buscar uma boiada, isto foi no mês de agosto.”

“Eu saí de Alambari na minha besta ruana. Só depois de trinta dias que cheguei em Aquidauana”. A distância entre a cidade de Alambari no estado de São Paulo e Aquidauana no Mato Grosso do Sul é de 1056,6 km, ou seja, além da demora para o transporte, os animais transportados perdem peso ao longo do trajeto e também os animais da própria comitiva podem sentir com a distância e tempo seco dos períodos próximos ao mês de agosto.

No Centro-oeste brasileiro, o mês de agosto é conhecido por ser o período de “seca” quando praticamente não chove, fazendo assim os ativos biológicos sentirem com o tempo, ocasionando a perda de peso, que pode levá-los à morte.

Neste tipo de transporte os animais corriam riscos de serem extraviados devido a boiada muito numerosa. Era possível, ainda, serem lesionados ou ainda morrerem pelo caminho. Isso sem falar nos custos diários com os peões que, além do pagamento, tinham gastos com alimentação, tornando o custo alto para as entidades do agronegócio.

Confirmando a fala anterior sobre o risco dos animais da boiada se extraviarem, o seguinte trecho da canção Boi Soberano cita este risco: “Na cidade de Barretos na hora que eu fui chegando a boiada estourou, uai, só via gente gritando. Foi mesmo uma tirania[...]” Esse trecho demonstra um dos inúmeros riscos que podem ocorrer pelo trajeto, pois quando a boiada “estoura”, principalmente se for dentro da cidade, que foi o caso relatado na canção podem acontecer atropelamentos e, ainda, o extravio de algum ativo biológico, que pode se perder.

Uma cabeça de gado a menos se concretiza em um impacto grande a todas as entidades envolvidas, seja para o comprador, o vendedor, ou mesmo que seja apenas um traslado de uma fazenda para outra do mesmo dono.

Após anos nesse cenário, vieram o asfalto, pontes resistentes e o transporte, que se deu por meio de carretas, o que tornou o processo mais rápido, eficiente e reduziu drasticamente os riscos aos quais as partes estavam expostas.

As canções enfatizam que este “tempo” em que se transportavam os ativos biológicos a pé, onde os boiadeiros da comitiva iam montados em cavalos, burros e

mulas, está “ficando” para trás dando lugar ao transporte por meio de carretas, favorecendo o empreendedor da atividade rural e dando oportunidade para o crescimento do agronegócio.

Segundo Marion (2014), o Brasil é detentor de um vasto rebanho tornando, assim, um dos maiores exportadores da pecuária de corte. Segundo o autor “o Brasil ostenta um dos maiores rebanhos bovinos do mundo e sua pecuária representa uma atividade econômica de grande relevância”, tendo em vista que a comercialização desses ativos biológicos se inicia desde a cria, passando pelo processo de recria até a fase de engorda para abate, ou reprodução.

Confirmando o que foi dito anteriormente, a pecuária bovina foi responsável por ter como produção R\$ 78,54 bilhões, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O rebanho bovino brasileiro é composto por 214.899.796 cabeças, onde novamente o estado do Mato Grosso está em primeiro lugar com seu rebanho de 29.725.378 cabeças, sendo o estado com maior rebanho, seguido do estado de Goiás, que na agricultura ocupou o 6° (sexta colocação), na pecuária bovina ocupa a 2° colocação com o rebanho de 22.835.005 cabeças.

A Revista Globo Rural, em janeiro de 2019, publicou em seu site que o Brasil se consolidou como um dos maiores produtores e exportadores de carnes bovinas do mundo.

De acordo com a Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (ABIEC):

As exportações brasileiras de carne bovina fecharam 2018 em 1,64 milhão de toneladas, volume 11% superior ao registrado em 2017[...] O resultado confirma a previsão divulgada em dezembro pela entidade e representa o maior volume já embarcado pelo País, que o consolida como principal exportador mundial da proteína.

O Brasil é reconhecido tanto como produtor de carne, quanto como produtor de insumos para a criação e desenvolvimento dos animais com investimentos na alimentação e cuidados no tratamento, pois é notável a produção de soja, milho e sorgo em território nacional. Estes investimentos proporcionam ao gestor (ou dono da atividade agrícola) um maior retorno em relação à lucratividade, pois a ideia de todo investimento tende a ser proveitosa, uma vez que se tiver tudo devidamente registrado e expresso em demonstrativos, pode auxiliar na tomada de decisões do regente da entidade.

A dificuldade de se transportar uma boiada hoje em dia por caminhão ou carreta é mínima quando comparada aos transportes a pé, embora haja casos do inconveniente buraco na pista e até mesmo engarrafamentos, se pensar na mobilidade por meio de carretas.

O transporte deve ser realizado de forma eficiente para que não dê perca de recursos em ambas as partes, para isso é necessário que o manejo seja realizado de forma correta.

O mau manejo e a utilização de técnicas ou ferramentas incorretas podem deixar os animais estressados tanto pelo agito, como por ficarem tanto tempo em local fechado, podendo prejudicar a qualidade da carne, logo, interferindo diretamente no fluxo de caixa e na rentabilidade da entidade.

2.3 PROCESSO EVOLUTIVO:

Antigamente, antes mesmo do êxodo rural em que as pessoas migravam das fazendas e sítios para as cidades em busca de melhores condições de vida, haviam inúmeras culturas familiares, que são as pequenas lavouras para consumo, as criações de porcos no chiqueiro (pocilga), galinhas no terreiro (quintal) para ovos e também para abate e sustento, assim como vacas para leite.

Como se confirma nos trechos da canção Jeitão de Caboclo, as culturas familiares vinham como principal meio de renda para a sobrevivência da família. O leite ou o queijo, por exemplo, além de alimento direto, são usados na elaboração de outros produtos para a comercialização, conforme trecho da respectiva canção, “na varanda tábua grande, cheia de queijo curado.”

São feitos os produtos e durante o processo de coalho do leite para fazer o queijo é liberado o soro do leite, que também servia de alimento para os animais, ou seja, é aproveitada toda a “matéria-prima” sem desperdícios.

Com o passar do tempo algumas pequenas propriedades foram se tornando grandes operações do agronegócio. Os grandes produtores foram assumindo lugares de notável importância e os pequenos, perdendo aos poucos seu lugar. Tendo em vista que os grandes produtores tinham mais recursos para se manterem.

Prova disso é o seguinte trecho da canção Meu Reino Encantado: “nosso sítio que era pequeno, pelas grandes fazendas cercado. Precisamos vender a propriedade para um grande criador de gado[...] e partimos pra cidade grande.” Os grandes empresários foram comprando as terras e crescendo, e cada dia mais necessitando

de novos recursos para auxiliar em seus negócios. Caminhões para transportes mais seguros e rápido com menores perdas de recursos e capitais.

A evolução, partindo das culturas familiares com algumas cabeças de gado no pasto até os grandes produtores exportando carne bovina, tiveram grande importância para o PIB (Produto Interno Bruto) brasileiro.

A marcha do progresso é a dor de muitos em que nos tempos de outrora viviam, pois tiveram que mudar seu estilo de vida rústico, porém querido, para viverem nas cidades onde, na maioria das vezes, não sentiam bem-estar. Na estrada de poeira quase não se vê mais os transportes de boiada a pé tocadas em montaria, tendo sido substituído pelos caminhões, que têm maior agilidade e segurança.

Entretanto, as técnicas que surgiram junto à evolução dessa atividade, necessitam de conhecimento para utilização. Mesmo em transportes por carretas ou com a utilização de ferramentas de manejo, o patrimônio fica sujeito a circunstâncias que podem ocasionar desvalorização patrimonial, fazendo com que o produtor rural esteja mais atento a soluções para tais circunstâncias.

2.4 RELEVÂNCIA FINANCEIRA DO TRANSPORTE PARA A PECUÁRIA:

Em um estudo realizado pela Associação dos Criadores de Mato Grosso (ACRIMAT), identificou que o tempo de transporte de gado no estado do Mato Grosso está bem acima do recomendado pelo MAPA.

Segundo o MAPA, o prazo indicado para transporte de animais para frigorífico é de oito horas, sendo que estavam transportando com cerca de 17 horas, ou seja, mais que o dobro recomendável.

Tal excesso causa desgaste do rebanho que, além de estressado, pode ficar cansado, deitar na carreta e ser pisoteado pelos demais.

Confirmando a afirmação supra, Cazelli⁵ (2013), afirma que “Quando o percurso é muito longo o animal pode ficar cansado e acabar caindo. Dependendo da quantidade de bovinos que estiverem sendo transportados, este animal pode ser pisoteado, sofrer várias lesões e acabar morrendo.”

Quando se lesiona o animal, o proprietário sofre um certo prejuízo, pois o comprador não vai querer o animal por estar machucado e terá que tratar dele e aplicar

⁵ Leandro Cazelli, veterinário da ACRIMAT, fez um estudo, denominado “Na Medida”, no estado do Mato Grosso avaliando o tempo de transporte de bovinos.

medicamentos para a melhora, perdendo rentabilidade. Nesses casos, o produtor está sujeito, ainda, a perda do animal, elevando o prejuízo da entidade.

Os prejuízos com lesões estão ligados diretamente com o jeito do embarque, pois se agitar muito o gado acabam ficando estressados e agressivos, sobretudo se ficarem fechados muito tempo. Ainda segundo Cazelli, outro fator que influencia na qualidade da carne é a maneira do motorista conduzir. Devido ao fato de que se o percurso for tortuoso vai mexer muito com os animais embarcados e o calor dentro do caminhão faz com que os mesmos sintam mal-estar.

Depende muito também da qualidade da carroceria onde vão os animais e da condição das estradas, sejam de chão ou rodovias pavimentadas, pois a má conservação da carroceria pode fazer com que o animal se machuque com pontas soltas, tábuas quebradas, pontas de pregos e parafusos mal colocados.

Se no trajeto do caminhão houver estradas com baixa condição de trânsito, o veículo fica passivo a quebra ou acidente, necessitando de manutenção e, conseqüentemente, elevando o custo logístico. Além desses fatores, o aumento no tempo da viagem possibilita a perda da qualidade da carne e faz com que o animal perca peso impactando diretamente o caixa das partes envolvidas.

Para mensurar o valor médio de perdas ao longo do transporte, Cazelli (2013, s/p), diz ainda que:

Em uma entrega de 40 vacas, com um percurso de 300 quilômetros que durou 17 horas, a média de perda por cabeça devido à ocorrência de lesões foi de um quilo por animal. Na cotação de R\$ 75 por arroba da época, o prejuízo total seria de R\$ 200. Caso fosse uma entrega de 400 cabeças seriam R\$ 2 mil perdidos.

O produtor deixaria de faturar R\$ 2.000,00 (dois mil reais) por conta de um problema que poderia ser evitado se houvesse um melhor controle de tempo.

Roça (2014), conta que “houve casos em que o lote perdeu até 42kg em média por animal durante o transporte, representando 8,3% do peso vivo dos animais.”

A frase “tempo é dinheiro” faz muito sentido neste contexto, pois quanto mais demora a viagem, mais os animais sentem e perdem peso, ainda correm o risco de serem pisoteadas até a morte e a empresa sofrer perdas notáveis para o faturamento total da boiada vendida.

Outro fator relacionado ao transporte é a superlotação a carreta. Sob a ótica de maximizar os resultados, muitas vezes o empresário não se preocupa com o bem-

estar dos animais, alocando-os em carretas superlotadas e sujeitando os animais a lesões sérias, podendo danificar a qualidade da carne.

Com a sobrecarga de ativos no caminhão e a viagem de longo percurso, alguns animais podem se cansar e acabar deitando e, pela alta concentração de ativos biológicos, podem acabar sendo pisoteados se machucando, o que pode levá-los à morte.

Desse modo é de grande relevância que produtores invistam em logística e na sua operação agropecuárias. Tais investimentos vão desde melhorar seus caminhões até fazer um manejo menos agitado sem o uso de equipamentos de agressão, como ferrões e aparelhos elétricos para choque, sem gritos e evitando correria.

Com esse investimento se reduz os riscos expostos ao rebanho e, conseqüentemente, faz com que a operação esteja sujeita a uma maior rentabilidade.

3. METODOLOGIA

O presente artigo utiliza da pesquisa e análise bibliográfica para sua construção, pois para fundamentar uma ideia precisa se embasar em um conhecimento científico já desenvolvido.

De acordo com Lakatos e Marconi (2017, p. 33) pesquisa bibliográfica é um tipo específico de produção científica: é feita com base em textos, como livros, artigos científicos, ensaios críticos, dicionários, enciclopédias, jornais, revistas, resenhas, resumos.

O presente artigo possui o conhecimento científico e a sabedoria popular andando lado a lado se conectando, pois

o conhecimento vulgar ou popular, às vezes denominado *senso comum*, não se distingue do conhecimento científico nem pela veracidade nem pela natureza do objeto conhecido: o que diferencia é a forma, o modo ou método e os instrumentos do conhecer. (LAKATOS; MARCONI, 2017, p. 68)

A música, por exemplo, além de expressão artística é também é expressão da realidade do cotidiano. Para realizar o manejo de gado não é suficiente apenas o conhecimento científico da atividade. É necessária, ainda, a sabedoria adquirida ao longo dos anos por meio da sabedoria popular, pois de acordo com Lakatos e Marconi (2017, p. 68) “a ciência não é o único caminho de acesso ao conhecimento e à

verdade”, pois depende do modo de análise para tornar o que é empírico e “cotidiano”, científico, o que se prova com o seguinte trecho:

Um mesmo fenômeno (uma planta, um mineral, uma comunidade ou as relações entre chefes e subordinados) pode ser matéria de observação tanto para o cientista quanto para o homem comum; o que leva um ao conhecimento científico e outro ao vulgar ou popular é a forma de observação.

O presente artigo é uma análise de conteúdo, pois “é uma metodologia de tratamento e análise de informações constantes de um documento, sob forma de discursos pronunciados em diferentes linguagens: escritos, orais, imagens, gestos” (SEVERINO, 2016, p. 129). Deste modo, se analisa a “mensagem” do texto, imagem, documentos e até mesmo músicas para a compreensão do artigo.

Embora a linha da pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental sejam bem próximas, segundo Severino (2016, p.131), “se tem como fonte documentos no sentido amplo, ou seja, não é só de documentos impressos, mas sobretudo de outros tipos de documentos, tais como jornais, fotos, filmes, gravações, documentos legais.”

Apesar da semelhança, o que separa um tipo de pesquisa do outro é o fato de que a bibliográfica exige que seja analisado o que antes foi pesquisado para justificar o que disse o autor do artigo. Em questão e na pesquisa documental, para Severino (2016, p. 131), “os conteúdos dos textos ainda não tiveram nenhum tratamento analítico”, ou seja é o primeiro passo para a pesquisa bibliográfica. É “a matéria-prima, a partir da qual o pesquisador vai desenvolver sua investigação e análise.” (SEVERINO, 2016, p. 131)

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Ante ao exposto, é relevante considerar a importância de um bom manejo para o êxito da atividade pecuária. Conforme demonstrado no artigo, o mau manejo no transporte do rebanho é um dos responsáveis pela perda de capital na entidade do agronegócio. Tais perdas no ativo biológico influenciam, diretamente, na lucratividade e na rentabilidade total da organização.

O boi gordo para abate, conforme foi visto em análise, pode perder até 42 kg devido ao transporte incorreto, como o tempo de viagem ou utilização indevida de técnicas de manejo durante a viagem. Isso pode influenciar em até 15,87% do custo por cabeça.

Tais fatores influenciam tanto na qualidade da carne, como no peso do animal, pois o tempo de viagem está, conforme estudo, mais de duas vezes superior ao recomendado para o bem-estar do transporte, interferindo diretamente no fluxo de caixa da instituição.

No momento que o animal perde peso, a empresa tem que investir novamente no processo de engorda. Nesse processo, há um investimento de recursos financeiros que poderiam ser melhor alocados, porém agora serão usados para suprir as perdas.

Outro ponto a considerar é com relação à evolução da atividade do agronegócio. As atividades, que eram familiares, foram aprimorando junto com a própria história e necessidade do ser humano. No atual cenário é imprescindível para o desenvolvimento econômico brasileiro, pois o país é detentor de um grande rebanho onde está inclusa uma parcela relevante do PIB, mostrando que a economia nacional é reconhecida internacionalmente por essa atividade.

5. REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Massilon J., **Fundamentos de Agronegócios**. 2. ed. rev. aum. São Paulo: Atlas, 2007.

BOI Soberano. Intérprete: Tião Carreiro e Pardinho. Compositores: Carreirinho; Izaltino G. de Paula; Pedro L. de Oliveira.. In: Boi Soberano. Intérprete: Tião Carreiro e Pardinho São Paulo: Chantecler 3125. 1966. 1 disco vinil. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/tiao-carreiro-e-pardinho/80952/>. Acesso em: 20. abril. 2019.

BOIADA Cuiabana. Intérprete: Raul Torres e Serrinha. Compositor: Raul Torres. In: 78 RPM Chantecler, 1938. 1 disco vinil. Lado A. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=aagi9xq_wfo. Acesso em 20 de abril de 2019.

BRASIL se consolida como maior exportador mundial de carne bovina, diz Abiec: Revista Globo Rural, 7 jan 2019. Disponível em: revistagloborural.globo.com/Noticias/Criacao/Boi/noticia/2019/01/globo-rural-brasil-se-consolida-como-maior-exportador-mundial-de-carne-bovina-diz-abiec.html

COORDENADOR do projeto Na Medida, Roberto de Oliveira Roça. Transporte inadequado de gado faz pecuária perder até R\$ 154 por animal. G1. Agrodebate. 22 ago 2014. Disponível em <http://g1.globo.com/mato-grosso/agrodebate/noticia/2014/08/transporte-inadequado-de-gado-faz-pecuaria-perder-ate-r-154-por-animal.html>. Acesso em: 10 set 2019.

CPC, Comitê de Pronunciamentos Contábeis. CPC 29 – Ativos Biológicos e Produto Agrícola, 2009. Disponível em static.cpc.aatb.com.br/Documentos/324_CPC_29_rev%2013.pdf

CREPALDI, Silvio Aparecido. **Contabilidade Rural**. 5. ed. rev. e aum. São Paulo: Atlas, 2009.

EEEP-CE, Escola Estadual de Educação Profissional do Ceará. **Administração Agroindustrial: Curso Técnico em Agroindústria**. Disponível em educacaoprofissional.seduc.ce.gov.br/images/material_didatico/agroindustria/agroindustria_administracao_agroindustrial.pdf. Acesso em 04 de outubro de 2019.

EMBRAPA, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. **Agroindústria**. Disponível em: <https://www.embrapa.br/grandes-contribuicoes-para-a-agricultura-brasileira/agroindustria>

FEIJÓ, Ricardo Luis Chaves. **Economia agrícola e desenvolvimento rural**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

INFLUÊNCIA do transporte sobre a qualidade da carne produzida. Equipe BeefPoint. 28 set 2007. Disponível em: <https://www.beefpoint.com.br/influencia-do-transporte-sobre-a-qualidade-da-carne-produzida-39495/>. Acesso em: 10 out 2019

JEITÃO de Caboclo. Intérpretes: Liu e Léo. Compositores: Valdemar Reis; Liu. 2001. Disponível em: <http://www.joaovilarim.com.br/discografia/liu-e-leu/jeitao-de-caboclo/jeitao-de-caboclo.html>. Acesso em: 25 out 2019.

MEU Reino Encantado. Interpretes: Daniel. Compositor: Valdemar Reis. 1990. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Z90bHH_k35E. Acesso em: 25 out 2019.

KARPINSKI, Bruna. Choque, agitação e berro: o tortuoso caminho do boi para o abate. **Blog gaúchazh campo e lavoura**. 7 out 2010. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/economia/campo-e-lavoura/noticia/2016/10/choque-agitacao-e-berro-o-tortuoso-caminho-do-boi-para-o-abate-7702329.html>. Acesso em 2 out 2019.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico: projetos de pesquisa / pesquisa bibliográfica/ teses de doutorado, dissertações de mestrado, trabalhos de conclusão de curso**. 8. ed. rev. e aum. São Paulo: Atlas, 2017.

LOURENÇO, J. C; LIMA, C. E. B. Evolução do agronegócio brasileiro, desafios e perspectiva. **Observatorio de la Economía Latinoamericana**. s/a, n.118. 2009. Disponível em: <http://www.eumed.net/cursecon/ecolat/br/09/clbl.htm>. Acesso em: 20 set. 2019.

MAPA, Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Agropecuária Brasileira em Números**, 2019. Disponível em www.agricultura.gov.br/assuntos/politica-agricola/agropecuaria-brasileira-em-numeros. Acesso em 18 de outubro de 2019.

MARION, José Carlos. **Contabilidade rural**. 14. ed. rev. e aum. São Paulo: Atlas, 2014.

MINISTÉRIO da Educação. Edson Marcos Viana Porto; Valdeir Dias Gonçalves. **Agronegócio a empresa rural**. [Montes Claros-MG] 2011. Disponível em: <https://central3.to.gov.br/arquivo/453224/>. Acesso em: 3 out 2019.

MINISTÉRIO da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Boas práticas de manejo transporte**. [Brasília-DF], 2013. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/assuntos/boas-praticas-e-bem-estar-animal/arquivos-publicacoes-bem-estar-animal/transporte.pdf>. Acesso em: 1 out 2019.

ORTEGA, Antonio César. **Agronegócios e representação de interesses no Brasil**. Uberlândia: Ed. UFU, 2008.

PADOVEZE, Clóvis Luís. **Manual de contabilidade básica introdutória e intermediária**. 10. ed. rev e aum. São Paulo: Atlas, 2018.

REZENDE, Amaury José; NAKAO, Silvio Hiroshi. **Contabilidade financeira no agronegócio**. São Paulo: Atlas, 2017.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24. ed. rev. e aum. São Paulo: Cortez, 2016

VETERINÁRIO da ACRIMAT, Leandro Cazelli. Pesquisa avalia tempo de transporte de bovinos em Mato Grosso. G1 Agrodebate. 31 dez 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/mato-grosso/agrodebate/noticia/2013/12/pesquisa-avalia-tempo-de-transporte-de-bovinos-em-mato-grosso.html>. Acesso em: 10 set 2019.

VETERINÁRIO da ACRIMAT, Leandro Cazelli. Transporte inadequado de gado faz pecuária perder até R\$ 154 por animal. G1. Agrodebate. 22 ago 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/mato-grosso/agrodebate/noticia/2014/08/transporte-inadequado-de-gado-faz-pecuaria-perder-ate-r-154-por-animal.html>. Acesso em: 10 set 2019.

VICECONTI, Paulo Eduardo Vilchez; NEVES, Silvério das. **Contabilidade básica**. 17. ed. rev. e aum. São Paulo: Saraiva, 2017.